RENÉ DESCARTES E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MODERNA: UM MODELO DE SUBJETIVIDADE

Sebastião Alonso Júnior¹

Resumo

Este estudo procura analisar a filosofia da educação moderna e os procedimentos pedagógicos adotados, em face do pensamento do filósofo francês René Descartes. Sua proposta no texto das *Meditações* sugere um modelo de subjetividade onde a verdade só pode ser dada ao sujeito – o sujeito do conhecimento. Para se chegar à certeza de que o conhecimento se estabelece sobre bases seguras e conceitos indubitáveis, é preciso que o sujeito siga um método rigoroso e disciplinado. Tal proposta acaba por influenciar o método das ciências modernas e se coloca como fundamentadora tanto de uma filosofia da educação moderna, quanto do discurso pedagógico tradicional.

Palavras-chave: Descartes, filosofia, subjetividade, educação.

Introdução

A filosofia de René Descartes representa um momento emblemático no pensamento filosófico moderno, bem como instaura uma importante virada epistemológica na história da racionalidade humana. Neste estudo, o pensamento do filósofo francês deverá ser abordado como um modelo de subjetividade particular expressa, sobremaneira, no texto das suas *Meditações*. Articulada a esse modelo geral de subjetividade (cartesiana), estaria também definida, de modo geral, a filosofia da educação moderna. Tal filosofia da educação se consubstancia em procedimentos onde a educação moderna se realiza. O objetivo principal deste estudo é destacar e analisar as tradições pedagógicas que estão assentadas na filosofia da educação vinda da tradição cartesiana.

Metodologia

A proposta metodológica deste estudo se dá mediante a modalidade de pesquisa bibliográfica situada na fertilidade de autores fundamentais. Nas fundamentações que compõem as análises teóricas, buscar-se-á a compreensão dos argumentos apresentados

¹Prof.Ms. da UEG – Unidade Universitária de Itaberaí, junioralonso@uol.com.br

por René Descartes na busca pelo conhecimento verdadeiro em face do modelo de subjetividade forjado nas filosofias da educação modernas.

Resultados e discussões

O racionalismo é um período importante do pensamento moderno que abrange os séculos XVII e XVIII. O mais emblemático representante dessa corrente de pensamento é o filósofo francês René Descartes que, a certa altura da vida, começava a duvidar da verdadeira solidez de tudo que lhe fora ensinado. Com um método audacioso, propõe abandonar todos os pretensos conhecimentos num processo que é, ao mesmo tempo, filosófico e pedagógico.

A filosofia de Descartes após a virada epistemológica, vai em direção ao sujeito e passa a estabelecer modelos de subjetividade. Ao analisar esses modelos é possível oferecer melhores configurações de sujeito possibilitando uma compreensão de como o conhecimento ocorre no sujeito e como ele pode ser verdadeiro ou falso. Para o filósofo, o saber e as ciências como saber verdadeiro vão estar assentados no eu, isto é, no ser pensante (*res cogitans*) que se liberta da dependência dos sentidos e da imaginação que obscurecem a razão.

A única coisa que parece ser indubitável são as verdades matemáticas. Afirma na “Meditação Primeira: das coisas que se pode colocar em dúvida”, o argumento de que o único ponto seguro que encontrou foi o de duvidar de todas as opiniões que possui. Universaliza a dúvida. Mas as falsas opiniões não o abandonam completamente. Elas frequentemente lhe vêm à lembrança, mas não se deve deixar de duvidar delas. O único caminho seguro para encontrar um conhecimento confiável na ciência é o da dúvida. O conhecimento que tenho em mim é desvinculado da imaginação. Imaginar ser alguma coisa é fingir ser alguma coisa. As coisas que se relacionam ao corpo são imaginação e quimeras. Somente o intelecto pode fornecer conhecimento seguro sobre mim mesmo. Nesse ponto, a imaginação é excluída pela dúvida.

Uma vez abordadas algumas considerações feitas por Paulo Guiraldelli na obra *O que é filosofia da educação?*, vale ressaltar que em termos gerais, a subjetividade pode ser descrita por meio de “formas de consciência”. Tais formas podem ser descritas pelo eu (identidade), a pessoa (consciência moral), o cidadão (consciência política) e o

sujeito epistemológico (consciência intelectual). Da máxima cartesiana “penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*) pode-se perceber a trajetória que vai do pensamento ao ser que pensa. Nesse caso, realiza-se, então, o salto sobre o abismo que separa objetividade de subjetividade (2002).

A subjetividade que se pode enlaçar com os indivíduos ganha contornos peculiares na perspectiva de Descartes. A subjetividade cartesiana, dada em forma de estrutura asséptica do sujeito do conhecimento, é representativa da postura iluminista. Nesse sentido, a verdade depende da certeza que só pode ser obtida no pensamento subjetivo, a saber, o *Cogito* cartesiano.

Nas suas *Meditações*, Descartes propõe o processo da dúvida metódica. O ponto de partida é duvidar da verdade do conhecimento empírico. Isto porque tudo o que o sujeito sabe está no seu pensamento, e para chegar até lá, esse conhecimento ou é inato, ou passou pelos sentidos. E como os sentidos não são de confiança para nos oferecer conhecimento verdadeiro é preciso duvidar de todos os pensamentos na tentativa de edificá-los sobre bases mais seguras.

A posição filosófica de Descartes se relaciona com as finalidades da educação na fase inicial do período moderno. A concepção filosófica adotada por Descartes, além de ajudar efetivamente na própria formulação conceitual das novas configurações de infância e de educação, passa, de certo modo, a se colocar como fundamentadora do discurso pedagógico que naquele período se articulava.

A filosofia elaborada por Descartes assume posicionamentos que podem ser considerados filosofia da educação, por pretender fundamentar todo e qualquer saber, inclusive o saber pedagógico e a própria pedagogia moderna. Além disso, estabelece o caminho seguro da busca da verdade como um percurso filosófico-pedagógico. Por outras palavras, o pensamento filosófico de Descartes, deveria ser seguido por aqueles que educam e deveria ser preservado por aqueles que pretendem educar. É através do percurso filosófico-pedagógico acima mencionado que o sujeito moderno deveria ser educado.

Espera-se que o desenvolvimento deste estudo contribua com a discussão pedagógica que visa refletir sobre as críticas à filosofia da consciência ou filosofia do

sujeito, o núcleo central, metafísico-epistemológico, do pensamento humano e da filosofia da educação moderna. Vale ressaltar que a abordagem inicial deverá oferecer elementos que possibilitem a continuidade do debate, principalmente a partir das discussões sobre a dependência cartesiana da instância chamada pensamento subjetivo – o *Cogito*

Conclusão

Por fim, é inegável o importante papel da filosofia de René Descartes para o estabelecimento do método de desenvolvimento das ciências e na difusão do conhecimento. A dúvida, a disciplina rigorosa, o descrédito nas informações a nós transmitidas pelos sentidos e a busca incansável pelo conhecimento verdadeiro, são pilares nos quais se assentam o racionalismo e a episteme moderna.

Nesse cenário de importante reconfiguração epistemológica, Descartes instaura um particular modelo de subjetividade onde o sujeito epistemológico é a consciência intelectual. Assim descrito, o sujeito é o juiz do verdadeiro e do falso e detentor da linguagem e do pensamento conceitual. No campo educacional, a concepção filosófica compreendida no pensamento de Descartes, de certa forma atua como fundamentadora do discurso pedagógico tradicional que se articulava naqueles primeiros séculos da modernidade.

Referências

DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

GUIRALDELLI JR, P. (org.). **O que é filosofia da educação?** 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.